



TENDÊNCIAS GENOLEXICAIS EM ADJETIVOS NEOLÓGICOS NO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

GENOLEXICAL TRENDS IN ADJECTIVAL NEOLOGISMS IN MOZAMBIKAN PORTUGUESE

Diocleciano Nhatuve¹

Resumo: O objetivo deste estudo é descrever as tendências dos falantes do português de Moçambique na construção de adjetivos neológicos, à luz das teorias de morfologia e de mudança linguística. Constitui objeto do estudo um setor genolexical particular que abrange os processos de derivação de adjetivos denominais e deverbais pelos sufixos *-ic(o)* e *-nt(e)*. A base empírica é constituída por adjetivos neológicos disponíveis na plataforma do Observatório de Neologismos de Moçambique. A análise qualitativa dos dados revela que, no processo de derivação lexical, embora recorrendo, às vezes, a unidades morfológicas das línguas *bantu*, os adjetivos derivados por cada sufixo obedecem aos preceitos da morfologia do português, o que justifica a necessidade da sua legitimação através de instrumentos normalizadores do português de Moçambique. As novas unidades lexicais beneficiam em grande medida o processo de nativização do português no contexto moçambicano.

Palavras chave: Português de Moçambique; Formação de adjetivos neológicos; Sufixos *-ic(o)* e *-nt(e)*.

Abstract: This paper aims to describe trends of Mozambican speakers of the Portuguese language in the process of forming adjectival neologisms in light of the theories of morphology and of the language change. The study focuses on a specific genolexical sector involving derivation of adjectives from nouns and verbs using the suffixes *-ic(o)* and *-nt(e)*. Data comprises adjectives available on the platform of the *Observatório de Neologismos de Moçambique*. Qualitative analysis of data reveals that, although sometimes speakers resort to morphemes from *bantu* languages, the new adjectives derived with each of the two suffixes follow the principles of the Portuguese language morphology. This justifies the need of their legitimization through standardizing instruments of the Mozambican Portuguese. The new lexical items greatly benefit the *nativization* of the Portuguese language in Mozambican context.

Keywords: Mozambican Portuguese; Formation of adjectival neologisms; Suffixes *-ic(o)* and *-nt(e)*.

1. INTRODUÇÃO

O português de Moçambique (PM) é uma variedade em emergência. Entretanto, esta variedade apresenta uma série de aspectos (lexicais, sintáticos, fonético, fonológicos e de estratégias de uso de português) que a distanciam sobremaneira da variedade europeia, como resultado de contato linguístico e cultural. De modo geral, os aspectos linguísticos que particularizam o PM constituem matéria que propicia a nativização do português no contexto moçambicano. Na área do léxico e do vocabulário, a insuficiência das palavras portuguesas para fazer referência a diferentes realidades tipicamente

¹ Doutorado pela Universidade de Coimbra, Portugal. jmjnjm10@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4749-1348>

moçambicanas é colmatada recorrendo a diferentes mecanismos de criação e renovação lexical. A classe dos adjetivos é uma das que recebem maior número de neologismos resultantes de processos morfológicos de derivação sufixal.

Neste âmbito, este trabalho visa descrever o processo de derivação de adjetivos neológicos no PM. Interessa-nos identificar a natureza dos constituintes (radicais/bases e sufixos derivacionais) dos novos adjetivos e indagar, à luz das teorias de morfologia em conexão com as de mudança linguística, a sua relação com os processos derivacionais no português europeu (PE).

Aliás, em um contexto em que a criação, incorporação e uso de unidades lexicais novas no português constituem um dos principais mecanismos pelos quais os falantes moçambicanos se apropriam do português (FIRMINO, 2008), o estudo procura responder a questões sobre (1) o que caracteriza o processo de derivação de adjetivos neológicos no PM, e sobre (2) a relevância sociolinguística das novas unidades lexicais para os falantes moçambicanos do português.

A identificação das particularidades genolexicais dos produtos neológicos em geral e, em particular, dos novos adjetivos do PM e a descrição destes do ponto de vista de contato e mudança linguísticos desencadeiam a discussão sobre as questões de padronização da variedade moçambicana de português (NHATUVE, 2017). Ademais, o estudo revela-se importante por constituir um contributo na discussão sobre a legitimidade das novas unidades lexicais quer do ponto de vista linguístico e comunicativo, quer do ponto de vista sociocultural.

O nosso objeto de estudo é um conjunto de neologismos pertencentes à classe dos adjetivos formados pelos sufixos *-ic(o)* e *-nt(e)* que se registram no PM. A escolha de adjetivos denominais e deverbais formados por estes dois sufixos justifica-se pelo fato de, do conjunto de todos os adjetivos neológicos (derivados por diversos afixos) recolhidos, os dois sufixos revelarem maior produtividade.

A amostra que tomamos como base empírica deste estudo é extraída de um conjunto de neologismos do PM registrados na plataforma da Cátedra de Português Língua Segunda e Estrangeira pela equipa do Observatório de Neologismos de Moçambique. Dos dados disponibilizados por esta equipa, selecionamos aqueles que estão registrados como realizações linguísticas na imprensa moçambicana, o que se fundamenta pelo fato de este meio de comunicação se caracterizar por maior rigor no uso da língua e maior circulação (acessibilidade).

CONSPECTO TEÓRICO

1.1. Do conceito de neologismo

As línguas estão em constante mudança, em correspondência às necessidades comunicativas. Novas realidades sociais (devidas ao desenvolvimento social, econômico e cultural) propiciam o surgimento, integração e uso de novas unidades linguísticas (expressões, estruturas sintáticas, vocabulário...). De modo geral, antes da sua legitimação em instrumentos normativos de uma determinada língua, essas unidades novas são denominadas neologismos/estruturas neológicas (AHMAD, 2000; ALVES; MARONEZE, 2018).

Efetivamente, o conceito de neologismo/estrutura neológica é referente ao produto da neologia (processo de formação de unidades linguísticas novas). Entretanto, “a neologia é um fenômeno que ultrapassa as fronteiras do léxico, trazendo implicações para todos os níveis de análise linguística” (ALVES; MARONEZE, 2018, p. 25). Esta

conceptualização de neologia permite-nos perceber que os neologismos não se confinam na área do léxico e abrange todos os fenômenos e/ou estruturas novas que atingem a língua (ALVES, 1996).

Apesar do carácter abrangente do conceito de neologismo, este estudo limita-se a novas unidades linguísticas de natureza lexical, aqueles neologismos que resultam “das regras de produção incluídas no sistema lexical [ou do processo de empréstimo]” (GUILBERT, 1975, Apud. ALVES, 1996, p. 11). Neste contexto, trata-se de unidades lexicais novas que integram a classe dos adjetivos, cujo processo de derivação envolve os sufixos *-ic(o)* e *-nt(e)*.

As unidades neológicas de natureza lexical em português podem ser:

- a. **Neologismos fonológicos:** são unidades lexicais novas resultantes de um novo recorte cultural (palavras novas, com nova combinatória de morfemas e novo significado). Estas unidades podem ser específicas quando resultam da combinação inédita de fonemas (Khenhar²) ou podem ser complementares, quando resultam de nova combinatória de elementos do sistema linguístico (radicais e afixos da língua) (empoderamento³);
- b. **Neologismos semânticos:** estes neologismos consistem em formas/palavras já existentes que se lhes conferem nova semântica e uso (chapa⁴).
- c. **Neologismos sintáticos ou sintagmáticos:** são as unidades lexicais derivadas ou compostas cuja “combinação de seus membros constituintes não está circunscrita exclusivamente ao âmbito lexical, mas concerne também ao nível frásico” (dumbanengue⁵) (ABDULA, 2017, p. 88).
- d. **Empréstimos ou neologismos alogénéticos:** consistem em unidades novas emprestadas de outras línguas. Estas adaptam-se no plano fonético-fonológico ou semântico-sintático do idioma de chegada (deletar⁶) (NHATUVE, 2013).

Portanto, os *itens* lexicais que constituem a base empírica deste estudo são considerados como neologismos por integrarem uma das tipologias acima descritas e representarem inovações lexicais na combinatória dos respectivos constituintes internos. Além disso, considera-se para a classificação dessas unidades lexicais como neologismos o fato de constituírem usos inovadores e/ou não estarem ainda dicionarizados no português europeu (a referência a esta variedade normativa tem que ver com o fato de ser a que oficialmente se cultiva em Moçambique).

1.2. Das teorias de mudança linguística e de morfologia

As teorias contemporâneas de mudança linguística — a de variação e mudança de Labov (Labov, 1982), a gerativista de Chomsky (CHOMSKY, 1957) e a funcionalista de Martinett (MARTINET, 1955) — preveem realizações linguísticas variadas como resultado de vários fatores de natureza sociolinguística (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968, p. 125-188), podendo destacar-se, para os propósitos deste estudo, o

² Derrubar o outro com recurso aos pés, num jogo de futebol, ou estar a mentir (PM) (NHATUVE, 2013, p. 91).

³ Emancipar a mulher, habilitá-la a assumir cargos superiores da vida política e económica, em igualdade com os homens, no PM (id.).

⁴ Referente a um “meio de transporte coletivo” no PM (id.).

⁵ Mercado informal (NHATUVE, 2013).

⁶ Apagar.

contato linguístico (HRUSCHKA, 2009, p. 467; SANKOFF, 2002, p. 638) e os processos de apropriação de línguas não maternas (FIRMINO, 2008 sobre a apropriação do PM).

As mudanças, que devem ser “estudadas e descritas” (FERREIRA et al., 1996, p. 479), observam-se em diversas áreas da língua, a saber, as áreas da morfologia, da sintaxe, da fonologia, do léxico e das estratégias discursivas (MATTOS; SILVA, 2008, p. 41; SANKOFF, 2002, p. 644-657). É nas mudanças morfológicas (inclui-se a introdução de novos morfemas e/ou novas tendências de combinação de diferentes morfemas), fonológicas e lexicais (criação de novas unidades com novas possibilidades de uso) que enquadramos as inovações que dão lugar aos novos adjetivos que se registram no PM.

Do ponto de vista de contato linguístico e, particularmente, na base de surgimento de unidades neológicas, as mudanças linguísticas, entretanto, são legitimadas por processos tais como: (1) o empréstimo — de unidades lexicais bem como de unidades mórficas (SANKOFF, 2002, p. 649-650) — e (2) a formação de palavras através de combinações inovadoras de morfemas do português, ou desta língua com os de outros idiomas (estruturas híbridas) (HASPELMATH; SIMS, 2010, p. 114-132; ARONOFF; FUDEMAN, 2011, p. 4-5). Importa, neste âmbito, articular este último processo com os de gramaticalização e de lexicalização (BARRETO, 2012). Estes processos relevam da *interface* entre a morfologia e a sintaxe no uso da língua.

Efetivamente, consideramos neste trabalho a gramaticalização como o processo pelo qual um *item* lexical é habilitado a desempenhar diferentes funções gramaticais e sintáticas (HRUSCHKA, 2009, p. 465), aliás, “a gramaticalização parte do léxico em direção à gramática, abrangendo mudanças fonológicas, morfológicas e sintáticas” (BARRETO, 2012, p. 409). Este conceito está em oposição ao de lexicalização, entendido como sendo o processo que torna elementos não lexicais parte do léxico de uma determinada língua. Para os propósitos deste trabalho, sendo menos produtiva a discussão sobre as diferenças, as semelhanças ou a relação de complementaridade entre os dois processos, importa destacar que quer um, quer outro processo, no contexto de contato linguístico ou de apropriação de línguas não maternas, favorecem a criação de novas unidades lexicais, para as quais os processos morfológicos de derivação de palavras desempenham papéis de relevância (BARRETO, 2012, p. 408; 410).

Entretanto, a teoria morfológica de matriz gerativista, desde Bloomfield (1933), passando por Chomsky (1953) até Halle e Marantz (1993), tem capitalizado, para o estudo da constituição da palavra, o conceito de morfema, entendido como “a meaningful component of a word that cannot be analyzed into smaller meaningful sub-parts”⁷ (ANDERSON, 2018 p. 5). Quer considerando a perspectiva lexicalista, quer a da morfologia distribuída, a *interface* entre a morfologia e a sintaxe (RIO-TORTO, et al., 2013) aponta para a necessidade de consideração de ambas (as perspectivas), para efeitos de estudo da produtividade dos diferentes afixos derivacionais na criação de novas unidades lexicais no PM e da empregabilidade dos produtos de processos morfológicos na construção de enunciados.

A morfologia derivacional não é exigida pela sintaxe no grau e nos termos em que o é a morfologia flexional, mas a derivação acarreta alterações a nível da formatação sintática do lexema obtido. Por exemplo, o sufixo *-ção* constrói sempre nomes, enquanto *-mente* constrói sempre advérbios e o sufixo *-ej-* constrói sempre verbos. Isto significa que o lexema obtido com cada um destes afixos, ao ocorrer na frase, obedece a regras sintáticas. Como nome, um derivado como *animação* não pode aparecer no contexto de *animou* (...) (RIO-TORTO et al., 2013, p. 45).

⁷ (...) uma componente significativa de uma palavra que não pode ser analisada em unidades significativas mínimas.

As teorias da morfologia, na sua generalidade, convergem no que respeita à possibilidade de expansão do léxico de uma língua graças a processos de formação de palavras que incluem (mas não só) a derivação e a composição (BOOIJ, 2005, p. 34; DUARTE, 2000, p. 83). No que diz respeito ao processo morfológico de derivação de novas unidades lexicais, são relevantes os mecanismos de concatenação de lexemas/radicais e afixos (BOOIJ, 2005, p. 35; 45; AZUAGA, 1996, p. 236-237). Neste contexto, apenas as categorias lexicais abertas tais como, no caso de português, as dos substantivos, verbos, adjetivos e advérbios podem ser expandidas através desse processo morfológico (BOOIJ, 2005, p. 51).

1.3. Da formação dos adjetivos

Na combinação de morfemas para derivar novas palavras, o português caracteriza-se como de “Right-hand Head Rule” (RHR) (BOOIJ, 2005, p. 54), na medida em que os morfemas sufixais determinam a categoria da nova palavra. Com efeito, cada morfema sufixal especializa-se na formação de determinadas categorias de palavras na sua relação com as bases e/ou radicais.

A combinação de elementos no processo de derivação não se opera de uma forma aleatória (AZUAGA, 1996, p. 238-239), as “formas derivantes” (bases e/ou radicais) (DUARTE, 2000, p. 87) devem reunir determinadas condições (de natureza semântica e lexical) para poderem concatenar-se com um sufixo particular (BOOIJ, 2005, p. 65; RIO-TORTO; RODRIGUES, 2013, p. 291-292). Por exemplo, em português, o sufixo *-mente*, que se particulariza por formar advérbios a partir de adjetivos, combina-se apenas com bases que sejam (a) adjetivos (do ponto de vista semântico/de categoria), (b) adjetivos femininos ou uniformes (como *fiel*). Pode acreditar-se, portanto, que o sufixo seleciona a base com que se associar. A combinação do sufixo *-mente*, por exemplo, com uma base que não reúna as condições acima enumeradas, como em **perigomente*, resulta numa unidade estranha, de difícil utilização pelos falantes da língua.

Existem morfemas sufixais específicos para, em combinação com bases ou radicais com características específicas, gerar substantivos, adjetivos, verbos e advérbios, para o caso do português (RIO-TORTO et al., 2013; HASPELMATH; SIMS, 2010). Neste contexto, para gerar adjetivos através de processos derivacionais, o português conta com os seguintes sufixos:

Quadro 1: Sufixos formadores de adjetivos em português

Sufixos formadores de adjetivos deadjetivais**	Sufixos formadores de adjetivos denominais	Sufixos formadores de adjetivos deverbais	Sufixos formadores de adjetivos denumerais			
-aç-	-ilh-	-áce-	-ês	-ao	-ist-	-al*
-alh-	-isc-	-ad-	-ic-	-az	-iv-	-av-
-ão	-inh-	-al	-in-	-deir-	-nt-	-ão
-arr-	-it-	-an-	-ista	-diç-	-óri-	-(u)pl-
-asc-	-oc-	-ar	-oide	-di-	-os-	
-az	-ol-	-ári-	-os-	-dor	-tiv-	
-el-	-orr-	-e-	-ud-	-dour-	-tóri-	
-ec-	-ot-	-eir-		-eir-	-vel	
-esc-	-uc-	-ense		-ent-		
-et-	-ulh-	-ent-				
-ic-	-usc-	-esc-				
-zinh	-zit-					

*o sufixo -al é igualmente formador de adjetivos denominais.
 ** Estes sufixos se juntam a bases nominais e não alteram a categoria da palavra.

Este quadro não é exaustivo. Foi adaptado de Rio-Torto e Rodrigues (2013); Rio-Torto (2013); Duarte (2000); Villalva (2003).

A gramática da língua portuguesa classifica os adjetivos derivados por processos de afixação em função da categoria do morfema ou da base derivante. Desta feita, encontram-se adjetivos denominais (os que derivam de radicais ou bases nominais), os adjetivos deverbais (cuja forma derivante pertence à classe dos verbos), os deadjetivais (derivados de radicais adjetivais) e os denumerais (aqueles cujo radical ou base pertence à classe dos numerais) (RIO-TORTO; RODRIGUES, 2013).

Do ponto de vista de produtividade e variação no uso dos sufixos na formação de novas palavras, embora seja a área do léxico a que registra maior índice de inovação (com o surgimento de neologismos) nas diferentes variedades de português em emergência, sobretudo na comunidade lusófona africana, a literatura arrolada neste trabalho não oferece dados sobre os comportamentos dos diferentes utentes do português como língua não materna na formação de novas palavras e de adjetivos em particular.

Entretanto, nos finais do século passado, Pezatti (1989) estudou o uso dos sufixos -os(o), -ent(o) e -ud(o) na formação de palavras em português. Segundo este estudo, o sufixo -os(o) forma adjetivos a partir de substantivos (com índice temático -a, -o, -e e -Ø), adjetivos e verbos, podendo ter diversos valores semânticos, nomeadamente, quantificativo (“cheio de” — *chuvoso*), valor intensivo (*sonoroso*); valor agentivo (“provocar alguma coisa em” - *vergonhoso*).

O sufixo -ent(o), por seu turno, associa-se, basicamente a substantivos para formar adjetivos, no entanto, pode também se ligar a adjetivos de cor e a verbos. Significa, em geral, *abundância* (*barulhento*), mas pode significar “ter a qualidade de (*espumento*)”; “ser dotado de (*ferrugento*)”; “ter semelhança de (*farinhento*)” e “ser propenso a (*briguento*)”. Finalmente, o sufixo -ud(o), “junta-se a lexemas substantivos, geralmente indicativos de partes do corpo, com pouquíssimas exceções: *grossudo*, *maludo* e *boazuda* (de adjetivos) e *tropeçudo* (do verbo tropeçar)”. Em termos de significados, associam-se a este sufixo os sentidos de “provido de (*barbudo*)”, “tamanho ou feio demasiado (*cabeçudo*)” (PEZZATTI, 1989, p. 10-109).

Já no início do século XXI, encontram-se estudos de natureza diacrônica sobre a variação e evolução semântica e formal de alguns sufixos ao longo do tempo. Nesse âmbito, pode indicar-se o trabalho de Rio-Torto (2008) que se intitula *Mudança genolexical: teoria e realidade*. Neste trabalho, Rio-Torto debruça-se sobre a mudança e

a polissemia do sufixo *-eir-* desde o português arcaico ao contemporâneo (ver também VIARO, 2011; COSTA, 2008).

Em conformidade com os dados apresentados e analisados por Rio-Torto (2008), o sufixo *-eir-* revelou-se (ao longo da história do português) um morfema formador de nomes e adjetivos com muitos valores semânticos, dos quais se destacam: os de (a) adjetivos (“*dianteiro*”); (b) nomes de agente (“*vaqueiro*”); (c) nomes locativos (“*cabeceira*”); (d) nomes de árvores (“*figueira*”); (e) nomes de estados (“*cegueira*”); (f) nomes de quantidades (“*nevoeiro*”); (g) adjetivos modalizadores (“*grosseiro*”); “atos típicos de X” (“*ladroeira*”); nomes gentílicos (“*mineiro*”), entre outros (RIO-TORTO, 2008, p. 229-234). Segundo esta autora,

à medida que a língua se aproxima da actualidade, há maior abertura do sufixo à produção de nomes de adjectivais, de estado, de processo e/ou atitudinais (...) A grande polivalência deste sufixo, na qual já se inscreve uma natural associação entre quantidade-excessividade-intensidade-depreciatividade-expressividade, e o facto de estes dois últimos traços não marcarem os sufixos cofuncionais *-dade* ou *-ia* mais neutros, na formação de nomes de estado e/ou de actividade, favorecem a associação de tais valores aos derivados em *-eir(a)* (RIO-TORTO, 2008, p. 234-238).

Por sua vez, num estudo que se intitula *os adjetivos em -vel formados em português: estrutura argumental, estrutura temática e aspecto da base verbal*, Pereira, Silvestre e Villalva (2013) descrevem as diferentes combinações do sufixo *-vel* e os respetivos valores dos produtos. É interessante sublinhar que, diferentemente do sufixo *-eir-* que pode formar adjetivos e nomes, o morfema *-vel* apenas forma adjetivos, podendo estes terem diferentes valores semânticos e usos.

De acordo com Pereira, Silvestre e Villalva, esse sufixo pode formar “4 tipos diferentes de adjetivos (...) a partir de verbos com dois argumentos, e um quinto [tipo] de adjetivos (...) que não são deverbais” (PEREIRA; SILVESTRE; VILLALVA, 2013, p. 48). Palavras como (a) *aceitável* (derivada do “tema verbal do passado” de *aceitar* — *aceita-*), (b) *confiável* (que tem como forma derivante o “tema verbal do passado” de um verbo transitivo indireto — *confia-*), (c) *variável* (derivada do “tema verbal do passado” de um verbo “pseudo-transitivo” — *varia-*), (e) *imperdível* (adjetivo na forma negativa formado por derivação parassintética) e (f) *amigável* (adjetivo denominal) são exemplos de uso do sufixo *-vel* (p. 48-53).

Para estes autores, o sufixo *-vel* forma adjetivos derivados de verbos que possuem um argumento que funciona como *tema*, não sendo possível usá-lo com verbos que não tenham um tema (inergativos e inacusativos — *correr*, *andar*). Nesse âmbito, os quatro tipos de adjetivos deverbais em *-vel* “[têm em comum] a semântica do sufixo que os compõe. Em todos esses casos, o sufixo denota uma propriedade intrínseca do objeto sobre o qual predica” (p. 63).

Conforme se pode depreender, a literatura disponível sobre o uso dos diferentes sufixos derivacionais do português aponta para a sua variação acentuada quer do ponto de vista da natureza (categoria e semântica) das formas derivantes, quer do ponto de vista dos valores semânticos dos sufixos particulares bem como dos derivados. Outrossim, embora se relacionem, em diferentes estudos, os usos dos sufixos com aspectos de natureza pragmática e linguística (RIO-TORTO, 2008; PEREIRA; SILVESTRE; VILLALVA, 2013), tais estudos não revelam de forma explícita a relação entre a diversidade da combinatória dos morfemas (sufixos e formas derivantes) e os aspectos de contato linguístico (com destaque para mecanismos de apropriação das línguas não maternas).

2. ESTUDO EMPÍRICO

2.1. Metodologia

A coleta de dados foi conduzida através da pesquisa na página *online* do Observatório de Neologismos de Moçambique da Cátedra do Português Língua Segunda e Estrangeira da Universidade Eduardo Mondlane. Nesta página, estão registrados cerca de 1544 *itens* lexicais neológicos⁸ distribuídos em diferentes classes de palavras. O registro de cada unidade neológica inclui a indicação de:

- a. Neologismo;
- b. Contexto frásico em que se insere o neologismo;
- c. Classe de palavra;
- d. Tipo de neologismo;
- e. Fonte (em que ocorre tal neologismo: Jornal Notícias (JN), Jornal Zambeze (JZ), Televisão (TV), Jornal Domingo (JD), Jornal @verdade (JV), Jornal Savana (JS), Correio da Manhã (CM), Jornal (J), entre outras fontes);

Das palavras inscritas no Observatório, selecionamos todas aquelas que estão etiquetadas como adjetivos, considerando os diferentes sufixos derivacionais usados. A consideração de todos os adjetivos derivados (embora o nosso estudo focalize os derivados pelos sufixos *-ic(o)* e *-nt(e)*) justifica-se pelo fato de tal estratégia permitir a identificação dos sufixos derivacionais mais produtivos na formação de adjetivos neológicos no PM, tal como ilustrado na tabela 1 no subtópico a seguir. Efetivamente, a amostra é constituída por adjetivos neológicos disponibilizados pela equipa do Observatório e que estão registrados como realizações linguísticas novas na imprensa moçambicana. O uso de dados da imprensa fundamenta-se pelo fato de este meio de comunicação se caracterizar por maior rigor no uso da língua e maior circulação (acessibilidade).

O estudo adota uma abordagem basicamente qualitativa. Esta opção deve-se ao fato de os dados quantitativos serem menos representativos para um estudo linguístico que forneça dados fiáveis sobre os adjetivos neológicos do PM. No entanto, o estudo de natureza qualitativa destes neologismos releva do fato de permitir identificar tendências (que podem permitir a formulação de hipóteses) que, posteriormente, poderão/deverão ser validadas por estudos de natureza quantitativa. Neste âmbito, para a análise dos dados, tomamos em consideração, em primeiro plano, os afixos usados e, em segundo, os radicais ou bases, isto é, partindo das propriedades dos afixos, procuramos observar até que ponto a sua combinação com determinados radicais ou bases se conforma com os preceitos da derivação sufixal em português.

2.2. Adjetivos neológicos do PM

Os dados sobre a ocorrência de adjetivos neológicos no PM indicam, em primeiro lugar, que vários morfemas sufixais são usados em processos derivacionais e, em segundo, que, apesar de se recorrer a vários sufixos, a produtividade dos mesmos não é homogênea. Há, portanto, alguns sufixos derivacionais que apresentam índices de

⁸ Este número de palavras encontrava-se registrado na página do Observatório à data da realização desta pesquisa (31 de julho de 2021).

produtividade elevados e outros que apresentam índices mais baixos, conforme se pode observar na tabela 1 abaixo.

Tabela 1: Uso dos sufixos derivacionais na formação de adjetivos neológicos no PM

Sufixo	-os(o)	-an(o)	-al	-ud(o)	-ic(o)	-ens(e)	-vel	-nt(e)	-iv(o)	Total
Nº de neologismos	2	6	4	1	7	5	2	7	4	38

Fonte: Elaborado pelo autor

Nesse contexto, na dificuldade de analisarmos o uso de todos os morfemas sufixais apresentados na tabela 1, nesta fase inicial de estudo dos comportamentos/tendências dos falantes moçambicanos na produção de unidades neológicas do português, vamos focalizar as nossas atenções para a análise de 2 sufixos derivacionais que, tendencialmente, apresentam índices elevados de produtividade, nomeadamente, os sufixos *-nt(e)* e *-ic(o)*.

Para além do fato de estes 2 morfemas serem os que apresentam altos índices de produtividade se comparados com os outros apresentados na tabela 1, interessa-nos o fato de estes (morfemas) não fazerem parte dos que, regularmente, têm sido objetos de estudos, pelo menos se considerarmos os estudos arrolados na revisão da literatura (RIO-TORTO, 2008; PEZZATTI, 1989; PEREIRA; SILVESTRE; VILLALVA, 2013).

O estudo qualitativo do uso dos sufixos *-nt(e)* e *-ic(o)*⁹, norteado pelas teorias de mudança linguística (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; HRUSCHKA, 2009), da morfologia (BOOIJ, 2005; HASPELMATH; SIMS, 2010; ARONOFF; FUDEMAN, 2011) e pela teoria de uso de cada sufixo disponível em gramáticas do português (RIO-TORTO et al., 2013), incide sobre o radical/base derivante (categoria gramatical e a forma), os diferentes e novos valores semânticos do morfema adjetivador e dos novos adjetivos.

2.3. Adjetivos formados pelo sufixo *-ic(o)*

O sufixo *-ic-*, para Rio-Torto e Rodrigues (2013), faz parte daqueles que “não possuem sentido específico e permanente que os possa diferenciar de forma sistemática, sendo assim portadores dum semantismo genérico, de ‘relativo a’, adaptável em função das informações semânticas adstritas às bases com que se concatenam” (RIO-TORTO; RODRIGUES, 2013, p. 256).

De acordo com Coelho (2010), que estudou o comportamento deste sufixo em quatro línguas românicas (português, francês, espanhol e italiano), no português, *-ic-* “força o acento tônico da palavra [produto da derivação] a cair na última sílaba da raiz”. (COELHO, 2010, p. 36; 69).

Segundo Cunha e Cintra (2005, p. 99-100), o sufixo *-ic-* “forma adjetivos a partir de substantivos”, isto é, combina-se com formas derivantes substantivas para formar os chamados adjetivos denominais. Entretanto, as bases derivantes destes adjetivos podem ser “radicais morfologicamente simples, radicais morfologicamente complexos (...), sejam derivados ou compostos” (RIO-TORTO; RODRIGUES, 2013, p. 244).

Os adjetivos resultantes da combinação do sufixo *-ic-* com bases substantivas são relacionais (em oposição a predicativos). Na linguagem de Casteleiro (1981, p. 53) e Rio-

⁹ Na análise que fazemos a seguir, excluímos *moralístico* e *conflituante* pelo fato de estas palavras, apesar de estarem registadas como neologismos, encontrarem-se dicionarizadas no português europeu, com o mesmo significado projetado nos exemplos registrados na página do Observatório.

Torto (2006, p. 116-117), estes pseudo-adjetivos têm limitações no uso; não podem ocorrer na posição pré-nominal, nem aceitam a flexão gradativa.

A seguir, apresentamos os exemplos (Exemplo 1) de neologismos adjetivais do PM formados a partir do sufixo *-ic-*, interessando, neste âmbito, observar a sua conformidade ou inconformidade com os pressupostos teóricos apresentados acima:

Exemplo 1:

Derivados com sufixo -ic(o)	Categoria	Tipo de neologismo	Fonte	Contexto frásico
malangatânico		Formal por sufixação	JD	“virou-se para mim zangado com os olhos sofridos, vermelhos, pálpebras despenteadas, insónias nas rugas, olhar pávido e <malangatânico>”.
xadrezístico		Formal por sufixação	JD	“A FMX decidiu que se devia participar nas Olimpiadas de xadrez, o maior evento <xadrezístico> de sempre”.
sibindico	Adjetivo	Formal por sufixação	JS	“Quem são as gazelas e as zebras que vão fornecer carne fresca que os leões <sibindicos> vão devorar”.
serológico		Semântico*	J	“na verdade, Celina diz estar bastante arrependida por ter quebrado o silêncio e dizer o seu estado <serológico>”.
ngungunhânico		Formal por sufixação	JV	“Este é para amor poderoso, <ngungunhânico>. Para amar mulheres. Amar sem piedade”.
cajuística		Formal por sufixação	TV	“A indústria <cajuística> está muito desenvolvida no país”.

*O adjetivo serológico está registado como *formal por sufixação* na página do Observatório.

Os adjetivos apresentados no exemplo 1 revelam a tendência para o surgimento, no PM, de adjetivos formais e semânticos. No entanto, envolvendo o sufixo *-ic-*, os primeiros (formais) são predominantes em relação aos segundos, conforme se pode constatar no quadro 2, em que compramos as ocorrências dos neologismos formais e semânticos e identificamos a categoria da base e a forma derivante.

Quadro 2: Derivação de adjetivos com o sufixo -ic-

	Total	Adjetivo	Categoria derivante	Formas derivantes		
				Radical/base	Tema	Tipo de radical
Neologismos Formais	5	malangatânico	Nome	malangatan-	-i	Radical complexo
		xadrezístico		xadrezist-	-a	Radical complexp
		sibindico		sibind-	-i	Radical simples
		ngungunhânico		ngungunhan-	-i	Pouco claro
		cajuística		cajuist-	-a ¹	Radical complexo
Neologismos semânticos	1	serológico		Serolog-	-Ø	Radical complexo

Fonte: Elaborado pelo autor

A abundância de neologismos formais, que em termos da teoria morfológica se conformam com os preceitos da morfologia do português (CUNHA; CINTRA, 2005, p. 100; RIO-TORTO; RODRIGUES, 2013, p. 56; COELHO, 2010, p. 36; 69), implica a

criação de novas palavras que, por um lado, enriquecem o léxico (BOOIJ, 2005; ARONOFF; FUDEMAN, 2011 sobre a importância dos processos derivacionais) e, por outro, satisfazem os requisitos linguísticos para a sua inclusão em possíveis dicionários (léxicos) da variedade moçambicana do português.

Por seu turno, os neologismos semânticos mantêm as formas das palavras e enriquecem a sua semântica, aumentando as possibilidades do seu uso. O adjetivo *serológico*, por exemplo, encontra-se dicionarizado com o sentido de *estado de seroprevalência* (em uma determinada doença). O que torna este adjetivo um neologismo semântico é o fato de, no PM, a sua semântica reduzir-se ao *estado de seroprevalência em uma única doença* (a sida). Neste âmbito, os falantes nem precisam de especificar a doença em causa (entende-se que se está falando da sida). Entretanto, esses dois significados e possibilidades de uso do adjetivo *serológico* coexistem no PM.

As bases derivacionais são todas nominais e as respectivas formas derivantes são morfologicamente derivadas (*xadrezista*) e compostas (*serologia*) (RIO-TORTO, 2013). Ademais, conseguimos observar que em termos de constituintes temáticos dos nomes dos quais se derivam os adjetivos em análise, à semelhança do comportamento dos outros sufixos derivacionais (*-os-*, *-ud-*, *-ent-* e *-eir-*), não há exceções; nomes pertencentes às classes temáticas *-a*, *-i* e \emptyset originam adjetivos formados com o sufixo *-ic-* (PEZZATTI, 1989; RIO-TORTO; RODRIGUES, 2013).

Quanto aos constituintes temáticos (RIO-TORTO; RODRIGUES, 2013), constata-se que cada radical ou base nominal conserva o seu próprio índice temático (o da língua de origem). Os radicais ou bases nominais provenientes das línguas *bantu* (*malangatan(i)*, *sibind(i)* e *ngungunhan(i)*) conservam os constituintes temáticos das línguas *bantu*, enquanto as formas derivantes de origem portuguesa (*xadrezist(a)*, *cajuist(a)* e *Serolog(\emptyset)*) conservam, por seu turno, os índices temáticos que acomodam no português (ver Quadro 2).

O quadro 2 indica que, enquanto as formas derivantes do português podem ter constituintes temáticos diferentes (*-a*, *-o* e \emptyset), os radicais ou as bases de origem *bantu* têm todos o mesmo índice temático *-i*. Esta última tendência parece indicar que na derivação de neologismos adjetivais (cujos radicais/bases nominais são de origem *bantu*) através do sufixo *-ic-*, as formas derivantes devem acomodar, nas línguas *bantu*, o constituinte temático *-i*. Esta é uma hipótese que deverá ser testada em trabalhos futuros sobre a formação de adjetivos neológicos no PM.

A observação de adjetivos formais apresentados no quadro 2 permite-nos considerar que em termos da semântica do morfema sufixal *-ic(o)*, reitera-se o significado “de relativo a” apresentado por Rio-Torto (2013, p. 256). Nesse contexto, o que torna relevante a neologia envolvendo este sufixo no PM é a possibilidade da sua combinação com novos radicais ou bases, quer do português (*xadrezist-*), quer das línguas *bantu* (*malangatan-*). Quanto ao neologismo semântico registrado, o respetivo significado não é resultado da mudança da semântica do sufixo *-ic(o)*, mas sim do conteúdo lexical do radical combinado com o sufixo em causa.

A riqueza léxico-semântica dos produtos de processos de derivação com o sufixo *-ic-* no PM acentua-se com a combinação de morfemas oriundos das línguas *bantu* com esse sufixo do português (como em *malangatânico*), dando origem a unidades lexicais neológicas híbridas prontas a integrar o léxico do português. Aliás, esta tendência de criação de unidades lexicais híbridas satisfaz, no seio de utentes moçambicanos de português, a necessidade de nomear e referir-se a realidades novas (BIDERMAN, 2001) tipicamente moçambicanas, por um lado, e constitui uma forma de atribuir ao português traços de moçambicanidade — apropriação do português — por outro (FIRMINO, 2008).

Todos os produtos são adjetivos relacionais (CASTELEIRO, 1981). Aliás, algumas bases derivantes são nomes humanos, o que torna as novas unidades lexicais muito ambíguas/polivalentes e menos claros os contextos do seu uso, havendo, entretanto, a necessidade, da definição clara do seu significado e talvez do contexto do seu uso.

Portanto, os derivados do sufixo *-ic-* que se observam no PM, estão em conformidade com os processos morfológicos prescritos na gramática do português. No entanto, os novos adjetivos precisam de ser legitimados pelo uso e pela definição clara dos seus significados básicos e dos contextos do seu uso. Embora os exemplos apresentados em 1 sejam claros, graças ao contexto em que foram usados os adjetivos, um neologismo como “ngungunhânico”, fora do contexto frásico, revela-se muito vago, se considerarmos o sentido “*relativo a*” do sufixo *-ic-*. É que, a forma derivante deste adjetivo remete a um ser humano, com aspectos sociais, políticos e comportamentais particulares (positivos e negativos). Neste âmbito, a questão que se pode colocar tem que ver com o aspecto particular denotado pelo novo adjetivo.

2.4. Adjetivos formados pelo sufixo *-nt(e)*

A literatura sobre o uso do sufixo *-nt(e)* indica que este carrega o sentido de “que tem a propriedade de” (RIO-TORTO; RODRIGUES, 2013, p. 271) e liga-se, normalmente, a bases verbais simples ou complexas (com exceção de bases verbais derivadas por circunfixação), para formar adjetivos (CUNHA; CINTRA, 2005; COELHO, 2010; RIO-TORTO; RODRIGUES, 2013).

Diferentemente dos adjetivos formados com o sufixo *-ic-*, os derivados de *-nt(e)*, por serem deverbais, são, na sua maioria, adjetivos predicativos, podendo ocorrer nas posições pré-nominal (uma *importante* reflexão) e pós-nominal (uma reflexão *importante*). Estes adjetivos aceitam, regra geral, a flexão gradativa (uma reflexão *muito importante*) (RIO-TORTO, 2006). O exemplo 2 a seguir, representa os neologismos do PM formados a partir do sufixo *-nt(e)*. Há que referir, entretanto, que, quanto ao uso deste sufixo, a criação neológica do PM se aproxima ao português brasileiro, uma vez que o maior número das unidades lexicais registradas no Observatório como neologismos ocorre nessa variedade. Portanto, estas palavras representam neologismos em consideração do português europeu.

Exemplo 2:

Derivados com sufixo -ic(o)	Categoria	Tipo de neologismo	Fonte	Contexto frásico
atormentante		Formal por sufixação	JV	“o fenómeno da erosão é <atormentante>”.
colaborante		Formal por sufixação	JN	“Esta Motrading-Rm foi de duas partes distintas com ‘score’ e a ser <colaborante> e confirmativo”.
democratizante	Adjetivo	Formal por sufixação	CM	“É preciso não esquecer que em Angola os americanos preferim o petróleo em vez de uma solução <democratizante>”.
encorajante		Formal por sufixação	JN	“<Encorajantes> resultados da visita de Beker à região”.
monopolizante		Formal por sufixação	JN	“Assim, continua aberta a tendência <monopolizante> sobre a banca em Moçambique”.
psicologizante		Formal por sufixação	JS	“É através desta forma <psicologizante> que classificamos ...”.

Os adjetivos apresentados no exemplo 2 são todos neologismos formais resultantes da combinação de elementos (radicais e sufixos) do português, portanto, não constituem estruturas híbridas (como alguns formados com o sufixo *-ic-*). Este comportamento parece ter explicação no fato de a variante moçambicana de português receber menos empréstimos de natureza verbal (verbos) das línguas *bantu*, se comparados com os empréstimos pertencentes à categoria dos nomes (principais bases derivantes dos adjetivos formados com *-ic-*). O quadro 3 abaixo sintetiza o processo de derivação de adjetivos usando o sufixo *-nt(e)*.

Quadro 3: Derivação de adjetivos com o sufixo *-nt(e)*

	Total	Adjetivo	Categoria derivante	Radical/base	Tema	Formas derivantes
Neologismos Formais	6	atormentante	Verbo	atorment-	-a(r)	atormenta-
		colaborante		colabor-	-a(r)	colabora-
		democratizante		democratiz-	-a(r)	democratiza-
		encorajante		encoraj-	-a(r)	encoraja-
		monopolizante		monopoliz-	-a(r)	monopoliza-
		psicologizante		psicologiz-	-a(r)	psicologiza-

Fonte: Elaborado pelo autor

Tal como observado na análise da maioria dos exemplos de neologismos formados com o sufixo *-ic-* no subtópico anterior, os adjetivos derivados por *-nt(e)* são todos formais. Todos os verbos derivantes encontram-se dicionarizados (ou seja, não são neologismos) e, tendencialmente, são todos de primeira conjugação (*-ar*). Esta tendência (com o sufixo *-nt(e)*) distancia-se dos usos previstos para outros sufixos formadores de adjetivos a partir de verbos, como é o caso de *-vel* (PEREIRA; SILVESTRE; VILLALVA, 2013 sobre o uso de *-vel*) e *-eir(o)* (RIO-TORTO, 2008 sobre o uso de *-eir*) que se podem concatenar com formas derivantes cujos elementos/bases iniciais são verbos de diferentes vogais temáticas. Aliás, a descrição do sufixo *-nt(e)* em gramáticas

do português também aponta para a possibilidade da sua combinação com verbos de diferentes conjugações (vivente, constituinte, viajante).

No que tange à forma derivante, a análise dos dados apresentados no quadro 3 (ver as formas derivantes) e de outros adjetivos também formados com o sufixo *-nt(e)* (*vivente, pedinte, corrente...*) a partir de formas derivantes de verbos pertencentes à segunda (*-er*) e à terceira (*-ir*) conjugações leva-nos a sublinhar a diferença entre a forma derivante a que se acomoda o sufixo *-nt(e)* e aquela a que se aloja o sufixo *-vel* (também formador de adjetivos deverbais). Enquanto *-vel* se concatena com um “tema verbal do passado, o que ocorre nas formas do particípio passado” (PEREIRA; SILVESTRE; VILLALVA, 2013, p. 48), o sufixo *-nt(e)* revela a propriedade de se ligar, de uma forma geral, a formas derivantes com o tema verbal do infinitivo¹⁰.

Outrossim, o sufixo *-nt(e)* “tem preferência por bases de estruturas não eruditas (...) [e por bases não] formadas por circunfixação (RIO-TORTO; RODRIGUES, 2013, p. 271), porém, os dados do quadro 3 revelam uma tendência de derivar adjetivos sufixados por *-nt(e)* quer a partir de bases verbais morfologicamente derivadas por circunfixação (*encoraj(ar); atorment(ar)*), quer a partir de compostos eruditos (*psicologiz(ar); democratiz(ar)*). A criatividade que testemunhamos no uso do sufixo *-nt(e)* representa, portanto, uma inovação que alarga as possibilidades do uso deste sufixo.

Em termos semânticos e da estrutura argumental dos verbos dos quais derivam os adjetivos em *-nt(e)* na variante moçambicana do português, a totalidade dos exemplos em análise aponta para o uso preferencial de verbos transitivos de dois lugares (argumentos externo e interno), apesar de o sufixo poder também se concatenar com verbos intransitivos como *correr (corrente)*.

O sufixo *-nt(e)*, de forma geral, significa “que tem a propriedade de” (propriedade intrínseca). Nesse contexto, *picante*, por exemplo, é referente àquilo que tem propriedades de picar. A semântica do sufixo *-nt(e)* confunde-se, entretanto, com a do sufixo *-dor* que forma adjetivos e nomes. No entanto, enquanto aquele sufixo tem o significado de “que tem propriedades de”, *-dor* tem o significado de “que tem a função de” (ver *picante* vs *picador*) (RIO-TORTO; RODRIGUES, 2013, p. 273).

A análise dos adjetivos no quadro 3 e dos exemplos 2 aponta para o uso do sufixo *-nt(e)* com o significado de *-dor*. Aliás, as unidades lexicais novas *atormentante, colaborante, democratizante, encorajante* e *monopolizante* apresentadas no quadro 3 correspondem (tendo como base o contexto em que ocorrem) a palavras do português como *atormentador, colaborador, democratizador, encorajador* e *monopolizador*, respectivamente. Quanto ao adjetivo *psicologizante* que também registra a mesma tendência de uso de *-nt(e)*, embora exista no português o verbo *psicologizar*, nem aquela palavra, nem *psicologizador* constituem entradas em dicionários do português europeu.

Portanto, há, no PM, o alargamento da semântica do sufixo *-nt(e)* que passa a abranger o significado do sufixo *-dor* (com a função de) e os dois morfemas podem ser usados comutativamente com o mesmo valor semântico.

Neste contexto, considerando que uma das condições para que as unidades neológicas se integrem no léxico de uma determinada língua é a sua conformidade com os respetivos princípios morfológicos (BOOIJ, 2005; SANKOFF, 2002; HASPELMATH; SIMS, 2010; ARONOFF; FUEDEMAN, 2011), a constatação de que os derivados do sufixo *-nt(e)* satisfazem na generalidade essa condição (havendo apenas o alargamento do seu significado) leva-nos a recomendar o tratamento que propusemos para os derivados do sufixo *-ic-*. A legitimação dos novos adjetivos facilitará,

¹⁰ Esta última ideia carece de estudos que confirmem ou infirmem a sua validade. A possibilidade de este sufixo se ligar a formas equivalentes ao presente do indicativo de terceira pessoa do singular fica descartada se considerarmos exemplos como *pedinte, ouvinte* e *seguinte*.

sobremaneira, o seu uso por diversas camadas (de proficiência linguística diferente) de falantes do PM.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias de mudança linguística (LABOV, 1982; CHOMSKY, 1957) legitimam a ocorrência de mudanças nas áreas de sintaxe, morfologia e léxico (MATTOS; SILVA, 2008), explicáveis do ponto de vista de contato linguístico. No caso particular do PM, a área do léxico é a que registra elevados índices de mudança e enriquecimento da língua que coocorrem com a tentativa de *moçambicanizar* o português (FIRMINO, 2008). Importa, entretanto, referir que a maior parte dos adjetivos deverbais derivados pelo sufixo *-ent(e)* (Exemplo 2) ocorre também no português brasileiro. Portanto, o seu carácter neológico é em função da consideração da variedade europeia.

Os processos pelos quais novas palavras são criadas, integradas e usadas em uma determinada língua são previstos nas teorias morfológicas. O uso de empréstimos, os processos derivacionais e de composição são alguns dos principais mecanismos. Aliás, as novas unidades lexicais (resultantes de diferentes processos de expansão lexical) só podem ser efetivamente integradas e funcionais em uma determinada língua se obedecerem aos respetivos preceitos morfológicos (exceptuam-se os estrangeirismos que tendem a se tornar unidades lexicais universais como *okay*) (BOOIJ, 2005; SANKOFF, 2002; HASPELMATH; SIMS, 2010; ARONOFF; FUDEMAN, 2011).

Nesse contexto, analisamos, neste trabalho, os processos de derivação de adjetivos neológicos na variante moçambicana do português. Focalizamos a (in)conformidade das estruturas morfológicas dos novos adjetivos formados pelos sufixos *-ic-* e *-nt(e)* e os respetivos valores semânticos em consideração das possíveis combinações morfológicas previstas no português.

Os empréstimos podem consistir na importação de palavras ou de morfemas (SANKOFF, 2002, p. 649-650). É esta a possibilidade que, considerando os dados que analisamos (apresentados nos quadros 2 e 3), assegura o funcionamento, em diferentes contextos, dos neologismos híbridos (resultantes da combinação de radicais nominais das línguas *bantu* com os sufixos derivacionais portugueses - *ngungunhânico*) que ocorrem no PM.

Todos os adjetivos neológicos formados pelo sufixo *-ic-* têm como categorias derivantes os nomes, e os formados por *-nt(e)* são deverbais e estão em conformidade com procedimentos previstos na gramática do português (RIO-TORTO; RODRIGUES, 2013). Esta tendência reforça a ideia de, em português, os sufixos derivacionais determinarem a classe gramatical dos produtos de derivação - “Right-hand Head Rule” (RHR) (BOOIJ, 2005, p. 54) - e, em simultâneo, revela a observância das regras morfológicas na formação desses adjetivos particulares.

Enquanto o sufixo *-ic(o)* conserva a sua semântica (relativo a) prevista no português europeu, com o morfema *-nt(e)* que significa “que tem propriedades de”, observa-se, no PM, o alargamento da sua semântica, passando a abranger igualmente o sentido do morfema *-dor* “que tem a função de”.

Os exemplos estudados foram extraídos de textos da imprensa moçambicana. Entretanto, não podem ser considerados casos de combinatória aleatória dos morfemas (AZUAGA, 1996; BOOIJ, 2005). Trata-se, na nossa perspectiva, de novas combinações envolvendo morfemas nunca antes combinados no português, que visam a satisfazer a necessidade de referência a realidades particulares de Moçambique.

Os exemplos estudados são todos parafraseáveis em português e, na sua forma desenvolvida, não se pode falar de neologismos, como se pode observar no exemplo 3 abaixo:

Exemplo 3:

- a. “Este é para amor poderoso, <ngungunhânico>. Para amar mulheres. Amar sem piedade”
a’ Este é para amor poderoso *de estilo de/à maneira de/próprio do comportamento de Ngungunhani*.

Os dados indicam, portanto, o surgimento de maior número de adjetivos formais denominais e deverbais, relacionais e predicativos. Havendo possibilidade de o sufixo -*nt(e)* se concatenar com verbos de todas as conjugações regulares, encorajamos que a criação neológica recorrendo a este sufixo evolva quanto possível toda a variedade de verbos existente em português. A tendência de inclusão de bases verbais derivadas por circunfixação (a palavra *encorajar*, da qual deriva *encorajante*, é formada por circunfixação) e de compostos eruditos para a formação de adjetivos com o sufixo -*nt(e)* não deve ser interpretada como erro, fruto de baixa escolaridade. Achamos justo encará-la (a tendência) como uma possibilidade de inovar e enriquecer a língua.

É preciso que mais estudos sejam realizados com dados mais representativos para validar as tendências observadas neste trabalho. Aliás, temos defendido, sobre a questão da normatização do PM, a consideração de dados quantitativos das diferentes camadas de falantes de português, para identificar as tendências comuns entre elas, com vista a permitir o recorte dos aspectos (lexicais, sintáticos, fonológicos, retóricos, etc.) que, independentemente de circunstâncias de escolaridade (média ou avançada), caracterizam o PM (verdadeiras marcas do PM (NHATUVE, 2017; 2018a; 2018b; 2019)). Para terminar, a discussão que empreendemos sobre o uso das novas palavras registradas no PM capitaliza a necessidade de definição clara do seu significado e do contexto do seu uso, para minimizar a sua ambiguidade.

REFERÊNCIAS

- ABDULA, R. A. M. A criatividade da língua portuguesa: estudo de moçambicanismos no português de Moçambique. *RILP - Revista Internacional em Língua Portuguesa*, n. 32, pp. 81-97, 2017.
- AHMAD, K. Neologisms, nonces and word formation. In HEID, U.; EVERT, S.; LEHMANN, E.; ROHRER C. (Eds.). *The 9th EURALEX Int. Congress*, v. 2. Munich: Universitat Stuttgart. pp 711-730, 2000.
- ALVES, I. M. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação lingüística ieda maria alves. *Alfa*, São Paulo, 40: 11-16, 1996.
- ALVES, I. M.; MARONEZE, B. Neologia: histórico e perspectivas. *GTLex*, Uberlândia, v. 4, n. 1, p. 5-32, 2018.
- ANDERSON, S. R. A short history of morphological theory. In: AUDRING, J.; MASINI, F. (Eds.) *The handbook of morphology theory*. Oxford: University Press, p. 1-16, 2018.
- ARONOFF, M.; FUDEMAN, C. *What is morphology?* Oxford: Wiley-Blackwel, 2011.
- AZUAGA, L. Morfologia. In: FARIA, I. H. et al. (Orgs.) *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, p. 215-246, 1996.
- BARRETO, T. Lexicalização e gramaticalização: processos independentes ou complementares?. In: LOBO, T., et al., (Orgs.) *Rosae: Linguística Histórica, História das Línguas e outras Histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, p. 407-416, 2012. Disponível em SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso: 3.08.2021.
- BEVILACQUA, C. R.; SILVA, F. M. Morfologia concatenativa e morfologia não concatenativa: do princípio morfológico ao princípio prosódico. *Confluência*. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 60, p. 353-372, 2021.

- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS. p. 11-20, 12-22, 2001.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, 1933.
- BOOIJ, G. *The Grammar of the Word*. New York: Oxford University Press, 2005.
- CASTELEIRO, J. M. *Sintaxe transformacional do djetivo*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981.
- CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- CHOMSKY, N. Systems of Syntactic Analysis. *The Journal of Symbolic Logic* 18, p. 242–256, 1953.
- COELHO, H. M. *Correspondências entre sufixos em palavras complexas: um levantamento em quatro línguas românicas*. 80f. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (Dissertação de Mestrado em Linguística), 80p. 2010.
- COSTA, S. R. *Análise morfo-semântica de alguns pares de sufixos eruditos e populares latinos no período entre os séculos XII a XVI*. 388f. Araraquara: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), 388p. 2008.
- CUNHA, C.; CINTRA L. F.L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa, 2005.
- DUARTE, I. *Língua portuguesa: instrumento de análise*. Lisboa: Universidade Aberta, 2000.
- FERREIRA, M. B. et al. Variação linguística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, I. et al. (Org.) *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, p. 479-502, 1996.
- FIRMINO, G. Aspectos da nacionalização do português de Moçambique. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*. Porto Alegre, v. 9, p. 115-135, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316.2/34455>>. Acesso: 29. 10. 2016.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Eds.) *The View from Building 20*, p. 111–176, 1993. Cambridge, MA: MIT Press.
- HASPELMATH, M. E SIMS, A. D. *Understanding morphology*. London: Hodder Education, 2010.
- HRUSCHKA, D. J. et al. Building social cognitive models of language change. In: *Opinion: trends in cognitive sciences*, vol.13 n.11, p. 464-469, 2009.
- LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W; MALKIEL, W (Eds.). *Perspectives in historical linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 17-82, 1982.
- MARTINET, A. *Économie des changements phonétiques: traité de phonologie diachronique*. Bern: Francke, 1955.
- MATTOS; SILVA, R. V. Teorias da mudança linguística e a sua relação com a(s) história(s) da(s) língua(s). *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, v. 3, p. 39-53, 2008.
- NHATUVE, D. J. R. *Ensino-aprendizagem do vocabulário de português como L2 em contextos multilíngues – o caso do ensino Secundário de Moçambique*. 148f. Évora: Universidade de Évora (Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem e da Comunicação), 148p. 2013.
- NHATUVE, D. Para a normatização do português de moçambique: Aspectos fonético fonológicos da vibrante “r” e da lateral “lh” no português oral de Maputo. *Revista de Letras*, Curitiba, v. 21. n. 32, p.130-144, 2019.
- NHATUVE, D. Reflexão sobre a normatização do português de Moçambique. *FórumLinguístico*, Florianópolis, v.14, n.2, p. 1997 – 2007, 2017.
- NHATUVE, D. *Para a normatização do português de Moçambique: Aspectos do uso do imperativo*. Novas Edições Académicas, 2018a.
- NHATUVE, D. Para a normatização do português de Moçambique: Aspectos do uso do imperativo por estudantes Universitários. *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, vol. 12, n. 1, 465-491, 2018b.
- PEREIRA, R. V.; SILVESTRE, J. P.; VILLALVA, A. Os adjetivos em –vel formados em português: estrutura argumental, estrutura temática e aspecto da base verbal. *ReVEL*, v. 11, n. 20, p. 43-66, 2013.
- PEZATTI, E. A gramática da derivação sufixal: Três casos exemplares. In: *Alfa*. São Paulo, 33, p. 103-114, 1989.
- RIO-TORTO, G. Formação de avaliativos. In: RIO-TORTO, G. et al. (Org.) *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 357-383, 2013.
- RIO-TORTO, G. Mudança genolexical: teoria e realidade. In: *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto - Vol. 3*, 2008, p. 223-240, 2008.
- RIO-TORTO, G. Para uma gramática do adjetivo. In: *Alfa*, São Paulo, 50 (2): 103-129, 2006.
- RIO-TORTO, G; RODRIGUES, A. S. Formação de adjetivos. In: RIO-TORTO, G. et al. (Org.) *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 240-296, 2013.
- SANKOFF, G. Linguistic outcomes of language contact. In: CHAMBERS, K.; TRUDGILL, P. e SCHILLING-ESTES, N. (Ed.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Blackwell Publishing LTD, p. 638-668, 2002.

- VAN ROMPAEY, T.; DAVID, K.; PETRÉ, P. Lexicalization and grammaticalization: the case of the verbo-nominal expressions *be on the/ones way/road*. *Functions of Language*. John Benjamins Publishing Company, p. 232-263, 2015.
- VIARO, M. E. *A derivação sufixal do português: elementos para uma investigação semântico-histórica*. 220f. São Paulo: Universidade de São Paulo (Tese com vista à obtenção do título de Livre-Docente), 220p. 2011.
- VIARO, M. Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos derivacionais *eiro/eira* na Língua Portuguesa. In: MASSINI-CAGLIARI, G. et al. (Eds.) *Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia, sintaxe*. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, p. 45-84, 2007.
- VILLALVA, A. Formação de palavras: afixação. In: MATEUS, M. H. M. et al. (Orgs.) *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, p. 939-968, 2003.
- WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. Empirical foundation for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P. E MALKIEL, Y. (ed.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin. University of Texas, p. 95-195, 1968.

Recebido: 4/8/2021
Aceito: 18/2/2022
Publicado: 29/6/2022